

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Crítica*

Class.:

368

Data

23 de abril de 1989

Pg.:

Para Moura, assembléia indígena foi muito boa

O índio tukano Manoel Moura, coordenador da 1ª Assembléia Geral das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira e da União das Nações Indígenas, classificou de "muito bom" o encontro que reuniu lideranças do Amazonas, Acre e Roraima em busca da união dos povos que foram desarticulados com a chegada da civilização européia na região amazônica. Moura fez pesadas críticas e alguns "parentes nossos que andaram fazendo exhibições no "Dia do Índio" ao reafirmar sua disposição de luta junto a seus companheiros e perguntar "como é que vamos fazer festa se houve muito derramamento de sangue e os sofrimentos ainda não acabaram?"

Ao fazer uma avaliação dos quatro dias que passaram reunidos no Centro de Treinamento Maromba, Moura disse ainda que as diversas organizações traçaram planos e diretrizes no sentido de melhor se articularem para obterem resultados mais positivos e concretos conforme as leis estabelecidas na nova Constituição.

Nos grupos de discussões as propostas apresentadas foram: Grupo 1; perseguição da Funai contra as organizações indígenas, manipulação de lideranças admitidas pela Funai, saúde, educação e invasão de terras, mineração e exploração de madeiras e falta de um maior conhecimento político.

O segundo grupo dividiu-se nas seguintes questões: violação dos direitos humanos das comunidades indígenas, não demarcação da colônia indígena, fortalecimento das organizações de cada grupo, falta de atendimento no setor de saúde aos índios, invasão de madeireiros, garimpeiros e marreteiros, falta de transporte para locomoção às cidades, educação inexistente nas comunidades indígenas de forma bilingue e cuidados para não serem manipulados pelo poder econômico.

A desarticulação das organizações indígenas da Amazônia Brasileira por parte da Funai, não demarcação das terras conforme decisão dos povos da região, investigação da Funai por parte da Polícia Federal às organizações indígenas, ameaças às lideranças com promessa de bombas, violação do direito de ir e vir assegurado na Constituição, foram os temas básicos inseridos no terceiro item. No quarto grupo os índios discutiram a não demarcação de terras conforme os interesses dos povos, massacre de indígenas por parte de firmas, Projetos Calha Norte, o Carajás, Polonoroeste, omissão do Governo/Funai em dar assistência, saúde e educação.

No quinto grupo, assim como em alguns outros, algumas repetições de propostas como a demarcação da terra, manipulação da Funai, falta de consciência de órgãos federais, assistenciais à educação e saúde, de vigoramento da Constituição e empresas mineradoras.

Com apoio do Instituto Cultural Umberto Calderaro Filho, os índios que participam do encontro assistiram e participaram de um show ontem no ginásio do Olímpico Clube denominado "Não Mate a Mata", de Adelson, além da apresentação de vários outros cantores regionais e poetas.

"Miraitá Puraquitaitá" mostra arte de índios

Reunindo elementos que expressam uma criatividade impar da cultura indígena, a Superintendência da Amazônia da Fundação Joaquim Nabuco, em conjunto com a Fundação Nacional do Índio (Funai) e Museu do Índio, inaugurou na última quarta-feira, 19, no Museu do Homem do Norte (avenida Sete de Setembro, quase esquina com a avenida Joaquim Nabuco) a exposição "Miraitá Puraquitaitá", que deverá ser encerrada no dia 19 de maio.

A mostra é composta por um acervo extenso de diversos grupos indígenas, em sua maioria do Norte do País, além de algumas tribos do Maranhão e Mato Grosso. São instrumentos musicais, cerâmica, objetos rituais, mágicos e lúdicos, adornos de madeira, trançados e cestarias, armas e uma gama de artefatos confeccionados pelos índios Yanomami, Maku, Baniwa, Kobewa, Tukano, Tikuna, Guajará, Tenharim, Xavante, Wai-Wai, Dessana, Satere Mawe, Waurá, Munduruku, Fuluio, Hixkariana, Mura, Wanana e Bororó.

Vera Lúcia Ferreira de Souza, coordenadora da exposição, lembra que os artefatos elaborados pelos índios são de grande importância no contexto ecológico e cultural, por retratarem a sociedade e a cultura de um povo que luta pela preservação de seus valores. "Queremos com esta mostra destacar o trabalho do índio brasileiro que se traduz pelas peças de valor não só utilitário, como também de valor estético, o que é peculiar na cultura indígena", afirma ela.